

# A ESCOLA COMO ESPAÇO MULTICULTURAL E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Francisca Edna Soares Andrade

Especialista em Educação e Linguagens  
para a Multiculturalidade pela CAMEAM/UERN.  
E-mail: ednasoares.es@hotmail.com

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Prof<sup>ª</sup>. Ma. DE/CAMEAM/UERN.  
E-mail: kekesoares@yahoo.com.br

## RESUMO

Este trabalho traz uma breve discussão, em torno da formação do leitor numa perspectiva multicultural. Percebendo a necessidade de respeitar o outro e de formar leitores, é que objetiva-se discutir as possíveis contribuições da perspectiva multicultural para a formação do leitor. Para o desenvolvimento deste trabalho busca-se fundamentação teórica de autores como Candau (2008, 2010), Candau & Moreira (2003), Trindade (2002), Freire (1989), Cavalcanti (2002), Abramovich (1997), Villardi (1998) entre outros que deram suporte a nossa pesquisa bibliográfica. Portanto, com base nas discussões destes autores, compreende-se que formar o leitor respeitando a identidade e a individualidade do outro é mais fácil de despertar o gosto pela leitura nos alunos, já que os mesmos se sentem mais reconhecidos e valorizados como sujeitos.

**Palavras-chaves:** Formação do leitor. Perspectiva multicultural. Respeito à diferença.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Somos participantes de uma sociedade multicultural que manifesta uma complexidade de relações e significados em que se reconhece uma grande diversidade de grupos sociais, étnicos e culturais. E a escola reflete essa pluralidade social, pois está diretamente ligada ao tecido social global, nela se manifesta a diversidade de valores, culturas, crenças e relações sociais que interagem e fazem da escola uma complexa e rica estrutura de cruzamentos sociais.

Essa diversidade, que permeia e enriquece a instituição escolar, termina confrontando com uma estrutura pedagógica cuja referência é uma visão homogênea de sociedade, gerando entre outros graves problemas, uma pedagogia discriminatória e excludente, porém nem sempre conscientes disso.

É necessário nos dias atuais quebrar paradigmas monoculturais que estão permeando a sociedade e liberar a diversidade de culturas existentes. Perceber o outro com todas as suas

características é entender que cada sujeito tem suas especificidades, seu jeito de ser e viver, cada pessoa é única e tem sua essência que lhe é própria.

Este trabalho proporciona uma breve discussão acerca da formação do leitor numa perspectiva multicultural. Entendendo que para formar o leitor é necessário que o professor trabalhe a leitura para despertar o gosto no aluno ~~isso~~, numa perspectiva multicultural, respeitando as particularidades de cada um. O que vai fazer com que o aluno se sinta mais estimulado, pois está sendo valorizado e reconhecido como sujeito, único que é.

Temos como objetivo principal discutir as possíveis contribuições da perspectiva multicultural para a formação do leitor. Já que a escola é palco de encontros da diversidade, e formar leitor para a vida é fundamental.

Nosso trabalho deu-se por meio da leitura de teóricos que discutem o multiculturalismo e a formação do leitor tais como Candau & Moreira (2003), Trindade (2002), Martins (1994), Abramovich (1997) entre outros. Na pesquisa compreendemos que para formar leitores é preciso trabalhar a leitura na escola, respeitando a diferença do outro para que nossa identidade e individualidade sejam respeitadas na perspectiva da multiculturalidade.

## **COMPREENDENDO O MULTICULTURALISMO**

Em cada país o multiculturalismo apresenta sua configuração própria no nosso país não é diferente, pois é construído por uma base cultural muito forte e trágica historicamente falando, especialmente nas relações com os grupos indígenas e afros descendentes.

Nossa história é marcada pela negação física do outro e escravização. Esses processos de negação do outro nos coloca diante de nossa própria formação histórica, de como nos construímos socioculturalmente, e do que negamos, silenciemos e excluímos. Essa problemática nos mostra os massacrados de ontem e de hoje que lutaram e continuam lutando pelos seus direitos. Ao contrário do que pensam alguns estudiosos a temática do multiculturalismo não surgiu no interior das universidades, mas, no grito dos grupos marginalizados, pobres e excluídos da sociedade. Conforme Candau (2008, p.49):

[...] São as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos de uma cidadania plena, os movimentos sociais, especialmente os relacionados às questões étnicas e, entre eles, de modo particularmente significativos, os relacionados às identidades negras, que constituem o lócus de produção do multiculturalismo. Sua penetração na academia deu-se num segundo momento e, até hoje, atrevo-me a afirmar, sua integração no mundo

universitário é frágil e objeto de muitas discussões, talvez exatamente pela intrínseca relação com a dinâmica dos movimentos sociais.

A problemática do multiculturalismo não surgiu nas universidades, mas no interior dos movimentos sociais, nas lutas dos menos favorecidos, dos excluídos. Talvez por isso até os dias atuais essa temática seja tão pouco discutida nas universidades, exemplo disso é nos próprios cursos de graduação que pouco discute e quando aborda essa temática é de forma superficial. Percebe-se certo preconceito talvez pelo fato de ter surgido nos movimentos sociais e não na universidade.

Candau (2010) pontua algumas abordagens fundamentais do multiculturalismo: a descritiva e a prescritiva. A primeira diz que a configuração multicultural depende do contexto histórico e sociocultural. A prescritiva entende o multiculturalismo como uma forma de agir e transformar o contexto atual. E dentro dessa perspectiva a autora discutiu três propostas: A assimilacionista, o monoculturalismo plural e a perspectiva intercultural. A perspectiva assimilacionista prega que todos devem ser incorporados na sociedade sem respeitar as particularidades do outro, e força o outro a desfazer-se de sua cultura, inserir sem mudar a matriz da sociedade. A perspectiva monocultural plural prega uma verdadeira apartheid social, é cada cultura no seu canto. Diferentemente da perspectiva intercultural que é defendida por Candau (2010) que defende uma sociedade mais aberta, interativa e democrática, onde as políticas de igualdade se articulam com as políticas de identidade.

O multiculturalismo é isso, a articulação, interação entre as culturas, o respeito, é o conviver na diversidade. Respeitar a diferença, os valores, os costumes, a religião e a identidade do outro é fundamental numa sociedade tão heterogênea e diversificada como a nossa. Por isso respeitar a individualidade do outro é essencial para que a nossa também seja respeitada.

## **DISCUTINDO SOBRE LEITURA**

Quando falamos em leitura a primeira coisa que vem em mente é uma pessoa lendo revista, jornal, ou livros. Isso por que o ato de ler está mais relacionado culturalmente com a decifração do código da escrita. Mas será que leitura é só a decifração do código da escrita? Ou existe uma leitura anterior á leitura da escrita, afinal o que é ler?

De acordo com discussões de Martins (1994) anteriormente a leitura formal fazemos a leitura de mundo, essa leitura é feita através de nossas vivências e se dá pela percepção,

observação, diálogo e na troca entre leitor e objeto lido. Essa leitura pode ser de uma paisagem, som ou escrita.

Outro autor que de certa forma partilha do mesmo pensamento de Martins é Freire (1989, p.13) quando coloca “que a leitura do mundo precede sempre à leitura da palavra e que uma dá continuidade a outra”. Assim para Freire a leitura de mundo é nossa primeira leitura e após essa leitura é que fazemos a leitura da palavra, e essa palavra ganha sentido através do conhecimento de mundo. Ao termos conhecimento de mundo compreendemos melhor o sentido das palavras e conseqüentemente a decifração do código fica mais fácil.

Diferentemente de Martins (1994) e de Freire (1989), Solé discute leitura como decifração do código, segundo a autora (1998, p.23): “[...] o leitor perante o texto, processa seus elementos componentes, começando pelas letras, continuando com as palavras, frases, em um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva à compreensão do texto [...]”.

Assim cada leitor tem seu método próprio para compreender o texto e a autora também enfatiza a questão dos conhecimentos prévios que podem ajudar o leitor no processo de compreensão do texto, quanto mais informações o leitor tiver melhor será sua interpretação sobre o conteúdo.

De acordo com Martins (1994), ao falarmos em leitura logo nos reportamos à imagem de alguém lendo algo, estamos tão presos em relacionar leitura à decodificação da escrita que não nos ligamos à questão de compreendermos os gestos, as paisagens. A leitura de mundo é a primeira e talvez a mais importante leitura que fazemos, pois é o nosso conhecimento de mundo que dará sentido as palavras de acordo com discussões de Freire (1989). Porém Solé (1998) entende o ato de ler como habilidade de decodificação do código da escrita e valoriza os conhecimentos prévios, quanto mais informação maior será a compreensão do texto.

## **FORMAR LEITOR NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL: UM DESAFIO PARA A ESCOLA ATUAL**

Se a cultura escolar é marcada pela homogeneização de caráter monocultural, tendemos a apagar e a invisibilizar o diferente. No entanto devemos identificar valorizar, assumir e trabalhar a diferença nos processos educativos e não silenciá-la. Essa tendência á homogeneização da cultura se dá devido a nossa própria formação histórica.

Tomar consciência da nossa própria identidade cultural e nos situarmos com o contexto sociocultural do país em que vivemos é essencial. Ser conscientes de nossas raízes

culturais, dos processos de negação e silenciamento de determinados grupos, e ser capaz de reconhecer e trabalhar é fundamental para os processos de combate ao preconceito e a discriminação, os processos de mudança deve partir de nós, de nossa conscientização em relação ao outro.

A relação entre nós e o outro é impregnada de estereótipos historicamente construídos, tudo que faz parte do nosso grupo tido como “padrão” é natural, é bom é positivo. Tudo que é diferente, que foge dos padrões tidos como “normais” é o outro, é falso, é mal é ruim. Conforme Candau (2010, p. 29, grifos da autora):

[...] Incluímos na categoria “nós”, em geral, aquelas pessoas e grupo sociais que têm referenciais culturais e sociais semelhantes aos nossos, que têm hábitos de vida, valores, estilos, visões de mundo que se aproximam dos nossos e os reforçam. Os “outros” são os que se confrontam com estas maneiras de nos situar no mundo, por sua classe social, etnia, religião, valores, tradições, etc.

Uns são os bons, os civilizados, os cultos. Os outros são maus, ignorantes. Se nos inserimos no primeiro grupo acabamos silenciando, dominando o outro. Se nos inserimos no grupo oposto só nos restam ou internalizar o papel de mal que nos é dado, ou nos deixamos ser “salvos” pelos bons, ou ainda nos confrontar com esse grupo tido como “bom” violentamente.

Conhecer a cultura do outro é fundamental para que haja a interação e diálogo entre as culturas e através dessa troca entre as culturas o preconceito e a discriminação sejam superados e surja o respeito mútuo.

Algumas vezes por não saber como lidar, por despreparo a escola acaba padronizando, ou até por ser mais cômodo e fácil. Como mostra Trindade (2002, p.10) “Uma professora fazia seu mural de natal com muitos anjinhos, todos lourinhos. Quando alertada e indagada em relação aos anjos morenos, negros, ruivos... Ela riu e disse que daquele jeito era mais fácil, só precisava recortar uma cartolina, a amarela”.

Padronizar e homogeneizar são mais “fáceis” do que trabalhar a diferença. Dizer todos são alunos, todos são iguais é muito fácil, mais trabalhar a igualdade na diferença não é só dizer, é todo um processo educativo que envolve todos os setores da escola. E a escola é o lugar onde deve ser trabalhada a diferença já que é nela que surge um arco-íris de culturas.

Segundo Candau & Moreira (2003, p.160) “A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem

ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados”.

Escola e cultura estão intimamente ligadas, a escola é um espaço de cruzamento entre as diversas culturas. Nesse sentido, é necessário que a mesma desenvolva um novo olhar, uma nova postura de reconhecimento da diferença, conhecer, trabalhar para consequentemente respeitar.

A escola é ponto de encontro de diversas culturas, etnias, gêneros, costumes, valores, religiões entre outros. Em virtude disso, deve estar preparada para lidar com tanta diversidade e não acabar excluindo e silenciando o aluno, impondo a cultura dominante sem levar em consideração a identidade e a individualidade do mesmo. De acordo com Candau (2010, p. 35): A prática educativa pautada na multiculturalidade,

[...] Supõe não somente promover a análise das diferentes linguagens e produtos culturais, como também favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade.

Não se trata da escola precisar somente de equipamentos tecnológicos, mais sim de ampliar os horizontes culturais dos alunos, é necessário que haja o diálogo entre essas diversas culturas para que todos conheçam e respeitem a cultura do outro e não mais exclua. Já que a escola é palco desses cruzamentos.

Trabalhar numa perspectiva multicultural é saber conviver, é o respeito à diferença o que muitas vezes torna-se um desafio para a escola, além de formar leitores saber lidar com a pluralidade existente. Como aborda Candau (2003, p.161):

[...] A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que a escola que está sendo chamada a enfrentar.

Saber lidar com a diversidade é algo necessário para a escola, que é palco de encontros de várias culturas, religiões, valores, costumes, etnias e gêneros. Em meio a tantas mudanças no contexto atual a escola não pode fechar os olhos e fingir que nada acontece e que os alunos pertencem ao mesmo grupo homogêneo e trabalhar de forma excludente. É preciso respeitar a individualidade do aluno para que o mesmo se sinta importante dentro do

ambiente escolar, fazendo com que seu interesse em aprender aumente ainda mais, e consequentemente desperte o gosto pela leitura.

Para formar leitores é importante que o gosto pela leitura seja despertado e a prática de contar histórias é uma das maneiras de criarmos o gosto. Há uma diferença entre criar gosto pela leitura e criar hábito. Para Villardi (1998, p.10):

[...] Se a leitura for vista não como o cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quando afastar-se dele, buscando na literatura aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, quer sob a da fantasia. Para que isso ocorra, o hábito, por si só, não chega. Há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor por toda a vida.

Para que possamos formar leitores por toda a vida é fundamental que formemos o gosto pela leitura e não o hábito. O hábito de ler é quando lemos para realização de uma tarefa, ler por obrigação para obter uma nota, ao término da necessidade esse hábito também desaparece. Diferentemente do gosto que o indivíduo ler por que gosta e não por necessidade. Por isso a escola precisa despertar o gosto pela leitura nos alunos para que sejam leitores por toda vida. E o ato de contar histórias para os alunos pode aguçar o interesse de conhecer outras tantas histórias e quem sabe tornar-se um eterno leitor. Não esquecendo que a mesma deve trabalhar na perspectiva multicultural, respeitando a diferença de cada um trabalhando a igualdade na diferença, não ficar na idealização dos alunos “perfeitos” e excluir o que não segue os “padrões”. Devemos abrir mão da idealização e passar a enxergar nossos alunos como eles realmente são, respeitando a individualidade de cada um, tratando todos iguais sendo diferente.

## **COMO CONTAR HISTÓRIAS DE FORMA ATRENTA NUMA ESCOLA MULTICULTURAL**

Anteriormente falamos que ouvir histórias pode despertar o gosto do aluno pela leitura. Mas como essas histórias podem despertar esse interesse? Será que o professor pode contar de qualquer jeito, só lendo, sem uma leitura prévia a exposição verbal para os alunos ou tem um algo a mais na hora de contar as histórias para a turma? Como o professor pode incluir na contação de história o respeito às diferenças, levando em conta que a sala de aula é um lugar onde as diferentes culturas se encontram?

De acordo com discussões de Villardi (1997) à medida que os alunos vão avançando o nível de escolaridade, vão se afastando também da literatura, pois normalmente os

professores seguem o livro didático que geralmente são fragmentos de textos ou escritos pelos próprios autores dos livros didáticos, com o objetivo de trabalhar a gramática e não a interpretação da obra literária. É chamado de exercício de interpretação, mas é uma forma mascarada de trabalhar a gramática. É por isso que precisamos criar o gosto pela leitura nos alunos, pois depois de serem tomados pelo prazer proporcionado pela leitura certamente serão eternos leitores e talvez até multiplicadores desse universo mágico e infinito do conhecimento.

Mas para que o aluno desperte o seu interesse pela leitura é essencial que o professor saiba contar as histórias e que inclua a diversidade cultural no momento de escolher as histórias. Para Abramovich (1997), ao contar uma história não podemos pegar o primeiro livro que encontramos na estante, nem ler diretamente pra o aluno, sem antes fazer uma leitura de reconhecimento da história para que, na hora da narração não fique empacando ao pronunciar um nome de um personagem ou nas palavras que não conhece, e a narração deve seguir o ritmo e a sonoridade das frases para que não perca a essência. É muito importante que o professor conheça muito bem a história para não se expor ao ridículo na frente da turma.

Quem vai narrar não pode narrar de qualquer jeito, sem antes conhecer o texto para não engasgar nas palavras e correr o risco de contar uma história que talvez não seja adequada para a realidade da turma. E ficar surpreso com as palavras e acontecimentos, bem como fazer pausas onde não existem. Por isso o professor precisa ser apaixonado pelas histórias para que o os alunos sintam essa verdade nas falas do narrador, pois se o narrador não gosta das histórias como ele vai fazer os ouvintes gostarem. Como fazer o outro gostar de algo se nós mesmos não gostamos.

Abramovich (1997) enfatiza algumas maneiras de contar histórias de formas atraentes, por exemplo: evitar fazer descrições detalhistas, para deixar o imaginário do ouvinte fluir. Saber usar o som da voz, sussurrar quando os personagens estão falando baixo e levantar a voz quando os personagens estão fazendo algazarra. Saber Começar a narração e saber terminar, iniciar com a palavra mágica era uma vez. E mostrar para o aluno que a história que ouviu está num livro, para que ele volte a ela quantas vezes quiser e deixem os alunos manusear o livro, para ter afinidade com o mesmo. E como afirma Cavalcanti (2002, p. 72, grifos da autora):

A melhor técnica para narrar histórias de maneira sedutora, prazerosa e envolvente para crianças e, em primeiro lugar, ser um contador

absolutamente apaixonado pelo mundo do “faz-de-conta”. Estar envolvido afetivamente com a narração é ponto fundamental. A história tem que ser narrada com paixão, sentimento, entrega, partilha.

Compreendemos que as histórias não devem e nem podem ser contadas de qualquer forma, tem todo um preparo do narrador para que cheguem ao ouvinte de forma atraente. Esse narrador deve conhecer bem a história que vai narrar para não travar nas palavras que não conhece, mas a principal estratégia para atrair os discentes é o amor, o entusiasmo com que o professor conta as histórias, isso provavelmente envolverá os alunos no mundo da leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho discute a formação do leitor numa perspectiva multicultural. Entendendo a escola como lugar de cruzamentos de diversas culturas, etnias, gêneros, religiões, valores, costumes, identidades e como tal não pode deixar de trabalhar a diferença na perspectiva multicultural, para que haja a interação e o respeito entre os alunos e toda equipe escolar.

Portanto a escola ao realizar um trabalho voltado para a valorização do sujeito e o reconhecimento da diversidade cultural, o aluno se sentirá importante tornando-se cada vez mais estimulado a desenvolver suas capacidades, e uma escola que trabalhe a literatura voltada para despertar o gosto pela leitura, estarão formando não só leitores por toda vida mais pessoas que saberão respeitar a diferença e identidade do outro, para que a sua também seja respeitada na perspectiva multicultural.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002. (Pedagogia e Educação).
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, n.37, jan./abr. 2008.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n.23, p.156-168, maio/ago. 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos; 74).
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TRINDADE, Azoilda Loreto da; SANTOS, Rafael dos. (orgs.). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.
- VILLARD, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando para a vida**. Rio de Janeiro, Quality Mark/Dunya, 1997.